



EDITORIAL

Os organizadores

Prezada leitora, prezado leitor:

Aqui está o volume 1, número 2, 2015, de *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*. Conseguimos colocá-lo à disposição do público a tempo, mantendo a promessa feita no primeiro número de que *ECO-REBEL* seria semestral. Nossa intenção é fazer tudo para manter essa periodicidade.

Se o primeiro número contou com a participação de dois pioneiros da ecolinguística (Alwin Fill e Adam Makkai), além de um pioneiro dos estudos indígeno-etnolinguísticos (Aryon Rodrigues), neste segundo número temos a honra de contar com sete ecolinguistas europeus de renome mundial, ao lado de um professor da UFRJ (Pierre Guisan), também europeu.

Este número vem no momento em que se realiza o II ENCONTRO BRASILEIRO DE IMAGINÁRIO E ECOLINGUÍSTICA, na UEG de Formosa (GO), de 11 a 13 de novembro, 2015, sendo que o primeiro foi realizado na UFG, em 2013. Encontros exclusivamente ecolinguísticos são constituídos pelo EBE (ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA), de que tivemos o I em Brasília em 2012 e o II em Goiânia, em 2014. Seleções dos trabalhos apresentados nesses eventos foram publicadas ou estão com a publicação em andamento.

O primeiro texto do presente número de *ECO-REBEL* é 'Diversidade, contato e ecologia linguística: Uma aproximação a partir da complexidade sociocognitiva', de Albert Bastardas Boada, da Universidade de Barcelona, Espanha. O autor vem estudando a questão ecolinguística de seu catalão materno no ecossistema linguístico espanhol como um todo, estando sua língua perdendo terreno para o castelhano na própria Catalunha. Sua abordagem tem sido ecossistêmica, mas parte também da complexidade sociocognitiva.

ECO-REBEL

O segundo artigo é ‘O tao da linguagem: Semelhanças entre linguística, construtivismo social e misticismo’, de Arran Stibbe. Como fizera o físico Fritjof Capra, Stibbe inclui no debate ecolinguístico o “misticismo” oriental, no caso, o taoísmo. O autor relaciona tudo ao construtivismo social. Aliás, em português temos também o livro *O tao da linguagem*, de Hildo Couto (Campinas: Pontes, 2012), resenhado no primeiro número de ECO-REBEL.

O terceiro artigo é ‘Sobre a necessidade de submeter o discurso ambiental contemporâneo à investigação reflexiva’, de Richard Alexander. Desse mesmo autor temos ainda o texto ‘Minha visão sobre a ecolinguística’, que complementa o primeiro, acrescentando detalhes da visão que o autor tem da disciplina. Juntamente com Alwin Fill e Arran Stibbe, Alexander é um dos precursores da análise do discurso ecológica (ADE), sobre a qual há um livro que está resenhado no presente número de ECO-REBEL.

O quinto texto é ‘Ecologia da língua como teoria linguística’, de Mark Garner. Ele não usa a palavra ‘ecolinguística’ a não ser de passagem, mas seu texto representa uma grande contribuição teórica para a disciplina. Embora o autor não seja um participante ativo dos eventos ecolinguísticos, sua abordagem ao que chama de ‘ecologia da língua’ é uma das fontes de inspiração para a linguística ecossistêmica. Garner foi um dos primeiros a propor a ideia de que a ecolinguística deve usar conceitos ecológicos não apenas como metáforas, ou seja, de fora para dentro, mas de dentro para fora. Quer dizer, praticar ‘ecologia linguística’, não apenas ‘linguística ecológica’, embora a segunda também integre a ecolinguística como um todo. O autor foi ainda um dos primeiros, ao lado de Hans Strohner, a falar em metodologia em ecolinguística, metodologia essa que não poderia deixar de ser algum tipo de ‘multimetodologia’.

O sexto artigo é ‘Ecolinguística: Um enquadramento conceitual’, de Jørgen Christian Bang & Jørgen Døør, dois líderes da conhecida Escola Ecolinguística de Odense (Dinamarca). O texto deles contém uma síntese do que chamam de ‘ecolinguística dialética’. Essa vertente da ecolinguística europeia é precursora da linguística ecossistêmica no que diz respeito aos três ecossistemas linguísticos (natural, mental, social), que chamam de ‘dimensões’ (bio-lógica, ideo-lógica, sócio-lógica).

O sétimo texto, ‘Língua, cultura, religião e nação no mundo e no Brasil’, de Pierre Guisan, apresenta, como já explicitado no título, uma visão crítica sobre as relações entre língua, cultura, religião e nação, termos que se imbricam de modo inextricável. Mesmo não sendo o autor um ecolinguista propriamente dito, seu texto é inteiramente ecolinguístico.

ECO-REBEL

O presente número de ECO-REBEL contém ainda duas resenhas de livros de interesse ecolinguístico e sete minirresenhas, que são simples apresentações sumárias de obras publicadas nos últimos anos, apenas para o conhecimento das leitoras e dos leitores. O primeiro livro resenhado é da galega Teresa Moure, intitulado justamente *Ecolinguística*, escrito na língua materna da autora. O segundo é o livro sobre ADE, o primeiro do gênero no Brasil.

Boa leitura!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.